

AUTOCONSTITUIÇÃO DA DOCÊNCIA EM PROCESSO: A HISTÓRIA VIVIDA E A HISTÓRIA CONTADA...

Alberto Albuquerque Gomes¹

Resumo

Este ensaio propõe-se a auscultar a narrativa de um sujeito que me apresentou uma carta que foi analisada a partir de alguns eixos norteadores: perfil; trajetória de formação (incluindo experiências formais na educação básica, educação superior e continuada – e não formais); trajetória/experiência profissional; motivação/razões para ingresso na profissão; identificação com a profissão docente; imagens da docência; e, as memórias significativas que se fizessem presentes fora dos eixos pensados a priori. Procurei assegurar a evidência de distintas vozes (narrador e sujeito da pesquisa) e a assinatura do pesquisador (essencial) sem subvalorizar a do sujeito (professora). Dessa forma, nos limites desse ensaio, apresentarei os dados extraídos da narrativa de uma professora de Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Ensino, aqui nomeada Alana e as análises tecidas sobre suas experiências identitárias de profissionalidade docente.

Palavras-chave: Narrativa, Enredo, Pirandelo, Professora.

SELF-CONSTITUTION OF TEACHING IN PROCESS: THE LIFE STORY AND THE HISTORY TOLD

Abstract

This essay aims to listen to the narrative of a subject who presented me with a letter that was analyzed from some guiding axes: profile; training trajectory (including formal experiences in basic education, higher and continuing education - and non-formal); career/professional experience; motivation/ reasons for entering the profession; identification with the teaching profession; teaching images; and, the significant memories that were present outside the axes thought a priori. I tried to ensure the evidence of different voices (narrator and research subject) and the researcher's signature (essential) without underestimating that of the subject (teacher). Thus, within the limits of this essay, I will present the data extracted from the narrative of a High School teacher from the State Public Education Network, and the analyzes made about her identity experiences of teaching professionalism.

Keywords: Narrative, Plot, Pirandelo, Teacher.

¹ Professor aposentado da UNESP de Presidente Prudente; colaborador no Programa de Pós-graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - Campus de Presidente Prudente. Graduado em Ciências Sociais pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (1983), Mestrado em Educação (1993) e Doutorado em Educação (1998) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Estágio de pós-doutoramento em Sociologia da Educação na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias em Lisboa, Portugal (2003/2004). E-mail: <alberto.gomes@unesp.br>.

AUTO CONSTITUCIÓN DE LA ENSEÑANZA EN PROCESO: HISTORIA DE VIDA E HISTORIA CONTADA ...

Resumen

En este ensayo me propongo escudriñar la narrativa de un sujeto que me presentó una carta que debía contener los siguientes elementos: perfil, experiencia de formación formal (incluyendo la educación básica, media, superior y continuada) y no formal, trayectoria/experiencia profesional, motivaciones/razones para ingresar a la profesión, identidad con la profesión docente e imágenes de la docencia. Además, analizo las memorias significativas que se hacen presente fuera de los aspectos exigidos a priori. Procuré garantizar la evidencia de las distintas voces: narrador (sujeto de la investigación) e investigador (esencial), sin subvalorar la del sujeto (profesora). De esta forma, al final del ensayo, presento los datos extraídos de la narrativa de una profesora de la red pública estadual de enseñanza media, aquí denominada como Alana, y los análisis tejidos a partir de las experiencias identitarias en la profesión docente.

Palabras-clave: Narrativa, Argumento, Pirandelo, Professor.

Introdução

[...] a experiência é, para cada um, a sua, que cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio (LARROSA, 2011).

A narrativa como forma de produção do conhecimento

Uma característica tipicamente humana - e de domínio público - é a “arte” de contar histórias; estamos, sempre, de alguma forma, exercitando essa habilidade. Ao nos encontrarmos com um amigo, ao concedermos uma entrevista, ao nos sentar na mesa de um bar relatamos algo, contamos uma história; nos narramos de alguma maneira... Esta certamente é a forma através da qual (com) partilhamos nossas experiências.

Benjamin, (1987, p. 198) nos chama a atenção para isso ao situar o narrador como um sujeito que experimentou algo.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. Entre estes, existem dois grupos, que se interpenetram de múltiplas maneiras. A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições (BENJAMIN, 1987, p. 198).

Parafraseando o autor, narrar é “contar” ao outro uma experiência (sua experiência) que “[...] tem sempre em si, às vezes de forma latente uma dimensão utilitária [...] (BENJAMIN, 1987, p. 200) quase como um conselho, uma recomendação.

Ao recorrer a uma professora e pedir-lhe que narre as experiências ao longo da vida que a fizeram se constituir professora pode ser entendido como pedir um conselho, tentar aprender algo com a “sua experiência”. Embora o mesmo Benjamin (1987, p. 200) nos diga que “[...] “dar conselhos” parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”, apostamos na experiência de ouvir o outro (a professora) através de uma carta para aprender com aquilo que ela possa nos contar.

Apostar na carta como alternativa para ouvir narrativas, embora possa parecer anacrônico, pareceu-me uma excelente alternativa de pesquisa como nos ensina Soligo (2018, p. 4), ao afirmar que

[...] dentre os gêneros narrativos, penso que a carta é privilegiada como forma de registro, por ser democrática, flexível, admitir transgressões e comportar qualquer tipo de conteúdo, inclusive os resultados de uma pesquisa acadêmica ou a reflexão que fundamenta um ensaio.

Portanto, optei por captar a narrativa da professora-personagem dessa história através de uma carta que a mesma me endereçou como resposta.

A primeira leitura despertou em mim profundo interesse em tentar extrair das poucas páginas, o máximo de informações e tentar aprender ali, como o outro se constitui como professor.

Quando trato de narrativas, portanto, refiro-me ao esforço de um sujeito de relatar um fato ou fatos reais ou imaginários². Fazendo isto, o narrador usa de alguns elementos que compõem e darão vida e credibilidade à história narrada. Tal qual um escritor de uma peça teatral, o narrador cotidiano também dirige e organiza os componentes de sua história, tais como um enredo, a posição de quem narra, quem será o narrador, os personagens, o tempo e o espaço.

O enredo se constitui dos fatos/acontecimentos que compõem um texto narrativo, ou seja, a história a ser contada, situando o leitor, apresentando e situando os personagens no

² Imaginário aqui tem o sentido de recorte que cada um faz dos fatos vividos, a nuance particular dada a experiência vivida que extrapola a concretude do fato.

tempo e no espaço. Compõe ainda o desenvolvimento da história e seu desfecho quando o narrador/ator dá o sentido à sua história.

O narrador, ou contador da história, é simultaneamente autor, contador e personagem da história (protagonista) e para dar sentido ao que narra convoca/convida outros personagens secundários, mas que ocupam papéis importantes na história. Situar estes personagens no tempo e no espaço é condição essencial das narrativas, pois ao mesmo tempo que o narrador situa sua história (seu tempo), dá contornos aos personagens.

Narrar, portanto, é um exercício livre que se sustenta a partir de três pilares: criatividade, fantasia e cumplicidade de quem ouve/lê a narrativa.

Nessa direção, Pirandello (1981, p. 325) nos ensina que:

Há muito anos (mas parece ser desde ontem) encontra-se a serviço de minha arte uma empregadinha muito ágil e grande conhecedora de seu trabalho. Chama-se fantasia.

[...] Ora, essa empregadinha, a tal Fantasia, há muitos anos, teve a má inspiração ou, se quiserem, o mal agourado capricho de trazer para minha casa uma família inteira. Não sei dizer onde nem como a encontrou, porém – como a empregadinha insistia – tratava-se de uma família que iria me proporcionar um excelente assunto para um romance maravilhoso.

Agora na condição de ouvinte/leitor que não conheceu o desenrolar e o desfecho da história, aventuro-me a dizer que os demais membros da família são a criatividade e a cumplicidade que todo narrador busca em seu ouvinte/leitor.

Embora a fantasia me visite esporadicamente, trouxe-me a companhia das irmãs, a criatividade e a cumplicidade nas quais me apoio para construir essa narrativa que tomará emprestada a narrativa de outrem.

A construção da narrativa a partir da narrativa do outro

Ao longo de minha experiência profissional docente, envolvido com a formação de professores para escola básica (licenciaturas) e realizando pesquisas sobre formação inicial para a docência e identidade profissional docente, tenho me deparado com algumas questões que perpassam a reflexão sobre os temas formação de professores e construção da sua identidade profissional, sendo elas: quais os saberes necessários para a constituição da identidade docente? Qual é o papel da formação inicial no processo da constituição do ser professor? Qual é a relevância/importância da experiência de professores ao longo da vida (pessoal e escolar) para a constituição de ser professor?

Talvez, sugestionado pelo momento que vivo (a aposentadoria), me proponho, de algum modo, escrever minha história profissional entrelaçada às narrativas de outros professores e professoras. Evidentemente que não pretendo redigir aqui uma autobiografia, mas certamente ao narrar a narrativa de outro, não fujo da narrativa de mim mesmo.

Embora aposentado, continuo atuando em um grupo de pesquisa³, que desde longa data estuda e pesquisa o tema formação de professores, sendo que, nos últimos dois anos optou por direcionar suas investigações para reflexão e discussão dessa temática a partir das memórias de professora(e)s.

A partir dessa experiência tem se construído em mim o ideário de que estudar/trabalhar com narrativas permite acesso a uma fonte de dados bastante preciosa. Soligo (2018, p. 4) ao argumentar sobre esta questão, ressalta a “[...] potência da escrita narrativa na forma de carta como registro contínuo da pesquisa e, dessa perspectiva, também como fonte de dados e como modo de produzir conhecimento”.

Diante disso, empenhei-me em estabelecer um meio de interlocução com o sujeito professor/professora a partir de cartas escritas (ofertadas ao grupo de pesquisa), através das quais “indaguei e ouvi” questões sobre as quais já me debrucei ao longo de minhas pesquisas, mas agora com uma diferença: ouvindo/lendo, com mais atenção, o que outro tem a dizer ao narrar sua história.

O grande desafio além de ouvir/ler o que o outro tem para nos contar, se configura em narrar a narrativa do outro. Trata-se de transcrever um texto marcado por caracteres pessoais e autobiográficos (do pesquisador e do sujeito pesquisado) num texto acadêmico; embora se busque fugir das características formais de um texto de pesquisa, ainda há que responder a algumas formalidades (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Os mesmos autores chamam a atenção para a complexidade da tarefa de transcrever os textos de campo (cartas) dando-lhes forma de textos de pesquisa, uma fase marcada pela necessidade de composição de sentido da experiência vivenciada no entremeio do processo investigativo narrativo. Do dado captado no campo (a narrativa do outro) para o texto de pesquisa (narrar ou outro) (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

A tarefa que me impus, portanto, é apropriar-me de uma história contada por uma professora numa carta, tensionado pelos seguintes pontos: como assegurar a evidência de vozes distintas do pesquisador (narrador) e dos sujeitos a pesquisa (narradores)? Como

³ Refiro-me ao Grupo de pesquisa “profissão docente, identidade, representações e saberes” (GPDFIRS), da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus Unesp de Presidente Prudente.

assegurar a assinatura do pesquisador (essencial) sem subvalorizar as assinaturas dos sujeitos da pesquisa (narradores)? Como assegurar que para além do pesquisador e dos participantes, o texto seja “ouvido” também pelos leitores? (CLANDININ; CONNELLY, 2011).

Uma narrativa sobre a construção do ser (professora)

Assim, na proposição de auscultar a narrativa de um sujeito, tornou-se necessário - e até mesmo imprescindível - definir eixos norteadores para leitura e posterior análise reflexiva da carta, resultando na organização dos seguintes norteadores: perfil; trajetória de formação (incluindo experiências formais na educação básica, educação superior e continuada – e não formais); trajetória/experiência profissional; motivação/razões para ingresso na profissão; identificação com a profissão docente; imagens da docência; e, as memórias significativas que se fizessem presentes fora dos eixos pensados a priori.

Evidentemente que considerei o risco de transformar uma narrativa – uma carta – num texto – texto acadêmico. Nesse momento atentei-me para uma quase advertência de Benjamin: a narrativa possui raízes na tradição oral. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. (BENJAMIN, 1987, p. 201). O escritor (romancista) tende a individualizar aquele que seria o narrador.

Esse registro chama a atenção para a dimensão e complexidade da tarefa a que me proponho.

Como já anunciado anteriormente, houve a procura por assegurar a evidência de distintas vozes (narrador e sujeito da pesquisa) e a assinatura do pesquisador (essencial) sem subvalorizar a do sujeito (professora); busca-se que, além dos narradores (pesquisador e professora), o texto seja “ouvido” também pelos leitores. Ou seja, assegurar ao narrador (autor da própria história) e a quem narra a narrativa (pesquisador) posições protagonistas sem secundarizar esse ou aquele sujeito.

Dessa forma, nos limites desse ensaio, apresentarei os dados extraídos da narrativa de uma professora de Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Ensino, aqui nomeada Alana e as análises tecidas sobre suas experiências identitárias de profissionalidade docente.

A protagonista narradora é uma professora que manifestou seu interesse em contar sua história rememorando sua trajetória pessoal e escolar respondendo positivamente ao convite para ofertar uma carta ao grupo de pesquisa.

Meu cuidado na leitura da narrativa de Alana, recheada de sentimentos, sensações e experiências vivenciados durante sua caminhada pessoal/profissional, despertou um sentimento de solidariedade “pessoal e profissional”, pois como já enunciei anteriormente, ao “narrar a narrativa do outro” somos levados a imiscuir também a nossa história.

Tal movimento exigiu cuidados para que as minhas impressões pessoais não “contaminassem” a narrativa de Alana. Assim, embora seu relato tenha despertado alguns sentimentos, busquei me ater aos caminhos/percursos escolhidos pela escrita de Alana. De imediato, ela revela que após muito pensar e refletir sobre por onde começar seu relato, escolheu iniciar pelo tempo na escola “primária”.

Considerarei por fim, que retornar no tempo ao momento que pisei na escola pela primeira vez, possibilitaria refazer o caminho e que aquele que ler, caminhasse comigo (Excerto da carta de Alana, 2018).

Creio que isso dá a dimensão da importância que a vida escolar assume em sua vida/narrativa. Embora tenha sido inserida no universo escolar graças ao início da vida escolar do irmão, demonstra que houve grande prazer em iniciar sua nova jornada ainda que precocemente.

Íamos os dois juntos para a escola. Eu felicíssima com o material que ganhei para aprender a ler e escrever. Conheci Mário Quintana e a poesia rimada de Pé de Pilão, enquanto me familiarizava com as letras e os sons das palavras, pelas mãos de Dona Margarete e nunca mais parei de ler. Também fui matriculada alguns meses depois e aprovada para série seguinte. **Definitivamente a escola se tornou um lugar em que eu gostava de estar** (Excerto da carta de Alana, 2018, grifo meu).

Entretanto, sua trajetória escolar foi também marcada por sobressaltos como quando houve uma mudança de escola, fato assim registrado.

Da 2ª a 5ª série (3º ao 6º ano), os estudos foram em uma escola estadual. Um prédio maior, com mais salas, recursos e claro, mais alunos e professores. Logo que começamos o ano aconteceu um episódio que me marcou e relembro até hoje: uns dois meses após o início das aulas, houve a troca da professora. Não fomos avisados ou preparados para essa transição. No dia em que a nova professora chegou, durante sua apresentação, ela direcionou uma pergunta a mim, sua voz era grave e firme, o tom elevado. Fiquei imobilizada, tomei-me de uma angústia e desejei sumir, não consegui responder, as lágrimas rolaram. Vergonha! (Excerto da carta de Alana, 2018).

Aquela transição de uma pequena escola para uma escola maior, sua timidez reconhecida e assumida, componentes fundamentais de sua trajetória não abalaram seu prazer de estar naquele espaço. Segundo suas palavras, apesar do “drama” vivido,

Nessa escola [...] continuei a melhorar tanto no rendimento como nas participações artísticas que aconteciam em datas comemorativas do calendário, estava na escola os dois turnos, pois as atividades de Educação Física eram no contra turno das demais disciplinas. Permaneci gostando de estar na escola (Excerto da carta de Alana, 2018).

Ao entrelaçarmos as linhas do tempo, podemos perceber que, de alguma forma, suas primeiras experiências influenciaram em sua escolha em ser professora.

Nessa época já tinha na **História e Geografia** minhas matérias preferidas, as melhores notas e maior interesse. Carrego de lá um gosto e uma curiosidade em conhecer o velho mundo. Me interessava a política, os acontecimentos culturais... era ditadura, os valores “cívicos” presentes, o hino, a bandeira, os desfiles da “Semana da Pátria”. Toda quarta-feira cantávamos o Hino Nacional na frente da escola, enquanto a bandeira era hasteada (Excerto da carta de Alana, 2018, grifo meu).

Ao concluir o Ensino Fundamental, iniciou o que poderia ser denominado como a definição de seu futuro profissional ingressando no Curso Normal, delineando assim seu futuro profissional concretizado anos depois (2017) com sua nomeação como professora efetiva de História da Rede Pública Estadual de São Paulo.

Quando fiz 13 anos, encerrei a 8ª série (9º ano). Já nesse momento precisava pensar em trabalhar, em qual direção dar aos estudos para atingir esse objetivo mais cedo. Fiz minha inscrição no processo seletivo para ingresso no Instituto de Educação, que oferecia a habilitação para magistério nas séries iniciais, pois a outra opção seria técnico em contabilidade, algo com o que não me identificava. Eram 35 vagas e consegui ser classificada. [...] No ano seguinte, 1984, comecei o curso “normal”. Era uma “normalista”, com meu uniforme composto de saia azul marinho, camisa branca, gravata e meias vermelhas. Éramos uma turma só de meninas, chamadas de pés de pomba em alusão as meias que usávamos, claro que o apelido não era bem aceito (Excerto da carta de Alana, 2018).

Em sua narrativa sobre ser professora, Alana aponta lembranças quase pueris sobre seu ingresso num curso de formação inicial, revelando, inclusive, que a falta de opções para o ingresso no Ensino Superior em sua cidade natal a levou a outros caminhos distintos de uma carreira de professora.

Entretanto, embora sua trajetória tenha sido inicialmente truncada por dificuldades contingenciais, depreende-se que sua experiência com a escola foi bem sucedida, retomada quando mudou de residência.

Na ausência de condições para cursar uma faculdade e poder lecionar séries mais elevadas, enveredei por outros caminhos. **Somente em 2004**, quando mudei para [...] retomei os estudos. Após 1 ano no curso de Turismo, me rendi ao fato de que **minhas habilidades estavam na docência** e optei por mudar de curso, fui fazer História (Excerto da carta de Alana, 2018, grifo meu).

A escolha pelo curso de licenciatura em História se impôs como o curso que a profissionalizaria.

Em 2017 ingressei como professora efetiva da rede estadual de ensino, onde atualmente trabalho com crianças e jovens do Ensino Fundamental II e Médio. Trabalho que também realizo em uma escola particular. [Atualmente] curso a segunda graduação em Pedagogia (Excerto da carta de Alana, 2018).

Embora não expresse, pode-se inferir que Alana optou pela docência motivada, segundo seu relato, por sua trajetória escolar bem sucedida. Cabe observar que ela não faz menção significativa a antigos professores, a não ser quando se refere a situações de desconforto na escola.

Logo que começamos o ano aconteceu um episódio que me marcou e relembro até hoje: uns dois meses após o início das aulas, houve a troca da professora. Não fomos avisados ou preparados para essa transição. No dia em que a nova professora chegou, durante sua apresentação, ela direcionou uma pergunta a mim, sua voz era grave e firme, o tom elevado. Fiquei imobilizada, tomei-me de uma angústia e desejei sumir, não consegui responder, as lágrimas rolaram. Vergonha!

Hoje entendo que aquela transição de professoras, além da mudança de uma pequena escola para outra maior [mudança do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II] e minha timidez, foram os desencadeadores da situação que vivi. Felizmente para mim, no mesmo dia, outro colega também vivia o mesmo drama e fez xixi na carteira, porque não teve coragem de pedir para ir ao banheiro, e meu vexame foi superado pelo dele nos comentários da classe (Excerto da carta de Alana, 2018).

No entanto, destaca-se a menção a Professora Margarete que a guiou nas primeiras letras.

Conheci Mário Quintana e a poesia rimada de Pé de Pilão, enquanto **me familiarizava com as letras e os sons das palavras, pelas mãos de Dona Margarete** e nunca mais parei de ler (Excerto da carta de Alana, 2018, grifo meu).

Percebe-se no relato da estudante Alana sinais daquela que viria a ser a Professora Alana. Sua predileção revelada desde o início de sua narrativa pelo ambiente escolar, de alguma maneira gestou e produziu algumas características presentes hoje no seu “ser professora”.

Embora não haja aqui nenhuma pretensão de generalização, a narrativa da estudante/professora Alana sugere traços comuns a parcela significativa de professores(as) no que diz respeito à predileção pelo ambiente escolar e suas experiências bem sucedidas como estudante.

Em texto publicado em 2018,

[...] dados trazidos por Gatti (2011) [revelam] que o perfil dos professores atuantes na América é predominantemente de mulheres, com tendência a serem mais jovens do que em países desenvolvidos, oriundas de famílias com capital cultural e econômico menor, cujo rendimento individual contribui de forma significativa para o orçamento familiar [...] (RODRIGUES et al., 2018, p. 10).

Acrescente-se a falta de opções em uma cidade do interior do país como revelado por Alana. “Localizo meu relato no estado do Rio Grande do Sul, em uma **pequena cidade chamada Alegrete**” (Excerto da carta de Alana, 2018 - grifo meu).

Outro traço comum a vários professores relaciona-se com a insatisfação com relação ao atual contexto da escola e do país. Segundo a Professora Alana,

Como todo professor, vivo e respiro as demandas e fragilidades de um sistema educacional voltado aos interesses políticos e do capital, pelo qual a escola é sucateada e seus profissionais destituídos de sentido, porém, **ainda acredito que é na escola que o humano se descobre, que a generosidade é exercitada, que é nela onde os afetos são ressignificados** e que mesmo em meio às adversidades, certos conhecimentos e reflexões podem gerar transformações nas vidas de cada um que por ela transita (Excerto da carta de Alana, 2018 - grifo meu).

Apesar do tom pessimista do trecho transcrito acima, há o que se pode chamar de um “suspiro esperançoso” quando diz que “[...] ainda acredito que é na escola que o humano se descobre, que a generosidade é exercitada, que é nela onde os afetos são ressignificados e que mesmo em meio às adversidades, certos conhecimentos e reflexões podem gerar transformações nas vidas de cada um que por ela transita.

A narrativa da Professora Alana revela que, apesar do regramento institucional excessivo, das políticas públicas educativas fracassarem, as relações subjetivas que se estabelecem em ambientes formais e informais são fundamentais para a construção das identidades.

Souza et al (2019, p. 8) nos chama a atenção para esses ambientes de construção de identidade profissional.

[...] a escola, quase uma espécie de “bioma”, gesta, produz e reproduz características da profissionalidade do(a) profissional que a integra, concebendo-se como um lugar de elaboração de identidades profissionais, seja para o(a) professor(a) da infância, da juventude ou da vida adulta. É preciso investigar cuidadosamente, mas as narrativas de professores(as), [...] indicam que as experiências vivenciadas no “bioma” escolar possam ser portadoras do embrião da profissão docente (SOUZA et al., 2019, p. 8).

Considerando que a expressão bioma refere-se a um conjunto seres com associações relativamente homogêneas com equilíbrio entre si e com o meio no qual estão inseridos, podemos conceber a escola como um espaço onde (con) vivem) sujeitos semelhantes ou que tendem se assemelhar através de caracteres identitários construídos numa simbiose individual/coletiva.

Considerações...

Por mais que a escolha da forma textual na qual registramos nossos dizeres se distancie do formato canônico do gênero previsto no contexto para o qual se destinam, o gênero que produzimos não é definido pelo texto físico que se lê (SOLIGO, 2018, p. 2).

A tarefa (arte?) de “narrar a narrativa” de outro implica em construir um discurso marcado pelas ideias de ambos os protagonistas – o narrador e aquele que narra o que o narrador disse.

Isso equivale a dizer que esta tarefa não será executada a partir de ideias ou temas previamente propostos. Nessa perspectiva quem escreve passa por um processo de reflexão acerca de ideias e valores alheios e próprios. Evidentemente que quem escreve não é escravo nem tradutor literal das palavras do outro, mas alguém capaz de afirmar sua capacidade de análise segundo seus métodos e concepções.

Disso resulta que quem escreve sobre a narrativa do outro deve preservar a autenticidade de seu próprio pensamento e ao mesmo tempo assegurar o protagonismo do narrador. Como intérprete das palavras de alguém, este escritor deve exercitar suas habilidades analíticas buscando estabelecer conexões entre suas concepções e juízos e aquelas expressas por quem narrou, no caso quem respondeu a carta.

Diante disso, parece claro que a tarefa do escrevente é analisar os sentidos e significados presentes na fala do narrador, submetendo-os ao crivo das indagações que possam suscitar.

Portanto, a tarefa a que me propus vai além dos simples comentários sobre a carta de alguém; trata-se de explorar, garimpar preciosidades que podem estar ocultas no discurso construído pelo outro.

Ao “garimpar” a carta a mim destinada, chamou a atenção expressões elencadas a seguir por que expressam diferentes etapas do processo formativo que vão desde o sentimento de prazer por estar na escola - *“Definitivamente a escola se tornou um lugar em*

que eu gostava de estar” - “Passava manhã e tarde na escola e ela permanecia o melhor lugar para estar”; momentos de desconforto - “Pela primeira vez a escola havia se tornado um lugar difícil de estar” – ou insatisfação com o modelo de educação recebido – “Tínhamos uma extensão da educação machista que recebi em família, que preparava as meninas para casarem e cuidarem dos filhos”.

Além disso há que se considerar outros momentos de insatisfação com relação à formação profissional recebida como - “[...] Estágio supervisionado [quando] descobri a duras penas que não fomos preparadas durante o curso [para o exercício da profissão]”, ou ainda de frustração com o contexto vivenciado como profissional - “Como todo professor, vivo e respiro as demandas e fragilidades de um sistema educacional voltado aos interesses políticos e do capital, pelo qual a escola é sucateada e seus profissionais destituídos de sentido[...], embora ainda alimente expectativas positivas em relação à escola – [...] porém, ainda acredito que é na escola que o humano se descobre, que a generosidade é exercitada, que é nela onde os afetos são ressignificados e que mesmo em meio as adversidades, certos conhecimentos e reflexões podem gerar transformações nas vidas de cada um que por ela transita”.

Nestas considerações, ressalto e corroboro com a ideia de Soligo (2018). Ainda que esteja preso a uma forma de redação canônica, busquei aqui não redigir uma carta como sugere a autora no texto citado, mas quebrar as amarras do texto acadêmico e “[...] luta [r] contra a hegemonia dos escritos tão somente expositivos e em favor da democratização das formas de dizer por escrito (SOLIGO, 2018, p. 3).

Um aspecto que reforçou essa posição refere-se ao fato que ao denominar esse texto de um ensaio assumo não ser possível redigir conclusões como num texto acadêmico, já que minha intenção manifesta foi narrar a partir da oitiva de outra narradora como essa se reconhece como professora e como autora da própria história.

No caso particular da professora Alana, procurei registrar e vivenciar sua experiência, ciente de todas as limitações desse exercício. Embora não fosse minha intenção redigir uma carta como sugere Soligo (2018), ao modo de uma carta, despeço-me cordialmente.

Referências

BENJAMIN, W. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

RODRIGUES, S. A. *et al.* Lembro até hoje...: reflexões sobre motivações para o ingresso e exercício na/da docência. **Revista Cocar (ONLINE)**, v. 14, p. 400-414, 2020.

RODRIGUES, Silvia Adriana et al. Sobre o exercício da profissão docente: Motivações iniciais e as interferências da formação inicial. **Itinerarius Reflectionis**. Volume 14, número 1, ano 2018.

PIRANDELLO, L. Seis personagens à procura de um autor. In: PIRANDELLO, L. **O falecido Matia Pascal**; Seis personagens à procura de um autor. Trad. Mario Silva, Brutus Pedreira e Elvira Rina Malerbi Ricci, São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SOLIGO, R. Uma forma narrativa privilegiada na pesquisa: a carta. In BRAGANÇA, I.F.S. NACAYAMA, B.C.M.S.; TINTI, D.S. (Org). **Narrativas, Formação e Trabalho Docente**. Curitiba: CVR, 2018.

SOUZA, V. L.S. et al. Professora alfabetizadora: uma narrativa interrompida. **Anais do IV Seminário Nacional de pesquisas e práticas na educação da infância**. Três Lagoas, 2019.